

José Quaresma

Em busca do Chiado de um homem "in-substituível"

I

Meu Chiado de menino
burguês a compras na Baixa
com a mamã e a titi,
e torradas na "Garrett",
em prémio de paciência...
"Ramiro Leão", "Tatá",
mais os "Sousas" e os "Davids",
que me lembram, dos balcões
com as clientes sentadas
e ditas de Vocolência,
com'a mamã e a titi...

II

Matinéas no "São Luís",
ao Domingo e, mais tarde,
já rapazinho, pró engate
das 'streias de terça-feira,
e em suas salas dançando,
nas noites de carnaval.

III

Depois foi a Faculdade
que, mais abaixo, de Letras,
me trazia plo Chiado
ao café assim chamado,
cuja pala luminosa
foi, mas deixou de ser,
marca certa, a meio da rua.
Os ensaios do "São Carlos"
(onde ainda se recanta
o melhor do seu possível),
um tanto a "Bénard", a ver
quem estava - mas ainda não,
por então, a "Brasileira",
embora já a "Bertrand",
vend'ao fund'o Aquilino...

[...]

José-Augusto França, "Cega-Rega Heptossilábica do Chiado de Antigamente, nas Práticas do Autor"

À deambulação do "nosso" Mestre pelo Chiado de "antigamente" - ao qual aqui regressa poetica-



Imagens cruzadas e encontros sobrepostos. Decorridas décadas, José-Augusto França reúne-se de novo com os críticos e amigos, no Café A Brasileira, sob a pintura de Nikias Skapinakis, na qual estão representados numa atmosfera cordial a desempenhar as suas "funções judicativas".

mente para o tornar outra vez presente e interpelativo -, muitos outros percursos, narrativas imprescindíveis e horas de "escuta", poderíamos acrescentar ao conhecimento incomparável que José-Augusto França tem deste bairro de Lisboa. Na verdade, o que fascina neste homem é a arte combinatória de tanta experiência adquirida, visão e discernimento cultural, poder de comunicação, necessidade genuína de partilha, e vivacidade de memória. De facto, José-Augusto França é daqueles personagens da História a que podemos chamar de sentinelas da divindade da memória, a *Mnemosine* (Μνημοσύνη), tal é o júbilo que transmite a propósito do que viveu (e não viveu), tal é a naturalidade com que condensa ou fluidifica uma determinada expressão artística, as filiações de estilos e noções estéticas, ou então, para nos cingirmos ao Chiado, a forma como incarna a história e a identidade de um lugar.

Os versos da "Cega-Rega Heptossilábica" da página anterior, são uma pequena porção de um poema que escreveu para uma das edições do Chiado que tive o gosto de coordenar nos últimos anos. De facto, tive o prazer de contar com vários contributos do nosso autor no projecto anual do Chiado, no qual participou na primeira edição, em 2010, por intermédio da mediação do colega Fernando Rosa Dias que nesse ano fez comigo a co-coordenação do programa. Foi nesse contexto que o conheci, foi nessa atmosfera que recebi a sua estima. Tenho, assim, bem presente a qualidade que o Mestre trouxe a toda a programação, escrevendo logo nesse ano dois textos, participando em conferências, deixando-se filmar num registo videográfico acoplado ao livro, em três lugares culturalmente estratégicos por ele escolhidos, cujas histórias conhece como ninguém: o *Grémio Literário*; *A Brasileira*; o *São Carlos*. A partir

deste triângulo, em diálogo com Fernando Rosa Dias e comigo, José-Augusto França fez um denso levantamento dos feixes de temporalidades inerentes a cada uma destas instituições (de facto, tratou o *Café A Brasileira* como uma instituição efervescente, com sucessivas camadas de ocorrências artísticas, literárias, mundanas), percorrendo com rigor e ritmo sobre épocas, dissidências, crítica, projectos, autores e até políticas, sobretudo culturais. Para dar um exemplo do interesse de que se revestiu esta entrevista videogravada em três lugares simbólicos do Chiado, no espaço do café do Adriano Telles, proprietário d'A *Brasileira* que ele mencionava como o "Telles das telas", devido ao seu empenho em ter apresentado, em 1925, uma das primeiras galerias modernistas do país no interior de um lugar como um café, conseguimos ter connosco (com *e/e*) sentados à mesa e junto aos espelhos, sob o quadro "Os Críticos", de Nikias Skapinakis, de 1971, os verdadeiros críticos (excepto Fernando Pernes, falecido nesse ano), várias décadas decorridas, matando saudades de tertúlias e investigações passadas, mas também para nos oferecerem novos olhares sobre o Chiado e a arte contemporânea. Desse reencontro memorável, ficou o filme de que já falámos, ficaram os belos registos fotográficos de Alexandre Nobre, impressos no livro do Chiado de 2010, ficou a vontade de voltar a celebrá-lo em "espírito", num tempo em que nenhum dos críticos pintados (e novamente reunidos em 2010, de modo assumidamente performativo) se encontra fisicamente entre nós.

Foi nesse período e nestes lugares que entrei em estado de encantamento, reunindo muitas "provas" iniciais (iniciáticas também) de que estaria perante um "tesouro vivo" e ambulante da história do Chiado, com a particularidade de nela fazer confluír

múltiplos aspectos da nossa história de arte, literatura e vida mundana. Por tê-lo sentido como tal, pelo facto do nosso Mestre se ter revelado acima de toda a comparação, no que concerne à sua experiência e compreensão do Chiado, agora, com o seu desaparecimento físico, sinto como que uma perda espiritual, devido à memória viva, intensa e dialógica que se extinguiu, à semelhança de uma misteriosa "árvore endémica", de profundas raízes, que se esfuma, sendo impossível plantar outra no seu lugar (perdoe-se-nos a *ecomimesis* da analogia).

Vejam: há tanta adequação e beleza em afirmar que não existem "insubstituíveis" na reflexão sobre a história de arte (acreditando-se que mais tarde ou mais cedo outra "figura" lhes sucederá na meditação, estoicismo e argúcia), como em dizer o contrário, isto é, que a natureza de um determinado historiador e o contexto que o fez eclodir foram condições de possibilidade absolutamente singulares e irrepetíveis, não sendo provável que possam voltar a conjugar-se. No caso específico de José-Augusto França, a impossibilidade de "substituição" ou "continuidade" não se prende unicamente com a sua divisão, o seu idiolecto, e a sua metodologia. "Cala mais fundo" e exige que pensem em rasgos individuais que são ímpares na maneira de identificar as formas civilizacionais e culturais de um país através do tempo, mas também no modo arguto de indagar as sínteses e transformações que o presente artístico opera relativamente à fecundidade do legado que assombra e caracteriza essa *praxis* presente. Assim foi, e assim é, a profundidade e o espírito de abrangência de um olhar como o de José-Augusto França.

A estas faculdades que a muitos fascina, refira-se outra dimensão do homem que "habita" o histo-



Um "olhar" franco, generoso, e perscrutador que nos acompanhará sempre!

riador, que dá a *vida* aos domínios que investiga e aos saberes que connosco partilha: aquilo que tão eficazmente escrevia, também expressava em plena conversação, mesmo que sem preocupações de conferência ou debate público, isto é, expressava-se oralmente combinando muita erudição, reflexão e cadência de exposição coloquial, mesmo que na amenidade do Jardim da Estrela, do Café *A Brasileira*, ou qualquer outro lugar, associando ao conforto do seu olhar e ao calor da sua voz a fluidez de um saber enorme (sim, saber enciclopédico), que se desdobrava perante nós durante o tempo que fosse necessário, mesmo estando já na casa dos noventa e tal anos, espasme-se!

Confidência significativa: em 2015, no Jardim da Estrela, perguntei-lhe se quando se deslocava ao Chiado ainda entrava n'*A Brasileira*, questão à qual respondeu: "já não vou, sabe... já não se pode fumar lá." E ele, de facto, já nonagenário, fumava com imenso prazer enquanto lia o jornal, como cheguei a observá-lo em silêncio no tal jardim, sem ele me ver, antes de me sentar para conversar em encontro agendado.

Não fui seu aluno nem colega, também não me posso dizer de seu verdadeiro "amigo", pois os nossos encontros não foram suficientes em reciprocidade e em duração para ganhar um lugar no seu coração e plena empatia. Mas ganhei a sua estima e a sua participação continuada no *Chiado, Carmo, Paris. Artes na Esfera Pública*, entre 2010 e 2016, projecto que tem como temas transversais o Espaço Público e a Intersubjectividade, além dos temas que cabem no horizonte Chiado/Carmo/Paris, que é acima de todos nós, o horizonte do nosso Mestre, sob muitos pontos de vista.

Para reforçar os aspectos que tenho vindo a enfatizar, sem ocultar a angústia de uma enorme perda,

vou referir três experiências singulares que guardo e que comunicarei sempre que seja possível: (1) Uma visita a sua casa, na Av. Infante Santo, para me entregar um texto, religiosamente dentro do prazo definido, sobre o "Chiado e o Cinema", editado em 2015, do qual já iremos repor um excerto. (2) Outro encontro no Jardim da Estrela, numa esplanada à beirinha do lago dos patos, para referir um excerto seu sobre Rui Chafes e Pedro Cabrita Reis. (3) A sua participação, ao lado de Eduardo Lourenço, no Grémio Literário, em 2013, reunidos para conferenciar sobre o "francesismo", tema e título de um livro de Eça, tratado exaustivamente na edição do Chiado daquele ano. (4) A preciosa indicação dada por José-Augusto França, escutada, depois lida num livro seu, e de novo debatida entre nós, sobre um projecto utópico para uma ponte entre S. Pedro de Alcântara e a Graça, tema que depois veio a estar na base do projecto do *Chiado, Carmo, metropolis e u-topia: artes na esfera pública*, em 2016.

1. Uma visita a sua casa, na Av. Infante Santo.

Este episódio serve para "testemunhar" algo que se conhecia no Mestre mas que o quotidiano evidencia melhor sem que procuremos ou provoquemos as situações propícias ao seu surgimento. Quando chego lá acima, ao andar em que vivia com a sua mulher, há um terceiro elemento em casa que está a consertar a porta de entrada. Desloquei-me ali, como já havia dito, para receber um texto a editar no volume do Chiado sobre o Cinema. Convidou-me a sentar para me mostrar o que tinha pensado e manuscrito. Eu estava encantado com o contributo e totalmente satisfeito, disponível, portanto, para histórias paralelas. E

estas surgiram. Simples, mas muito esclarecedoras. O Mestre mostrou também ser um homem muito atento aos detalhes da vida pragmática, pois o carpinteiro que lhe arranjava a porta veio dar a sua tarefa como terminada, fazendo-o levantar-se do sofá, pensando eu que seria apenas para proceder ao pagamento do “serviço”. Qual quê! Vi-o muito lesto a estirar-se sobre a porta inteira, abraçando-a vigorosamente de alto abaixo para testar os batentes, dobradiças, facilidade de rotação! Espantosa a forma como se agachava e rapidamente se estirava, já com 94 anos! Invejei-lhe a vivacidade no teste da porta, mas sobretudo a atenção ao trabalho físico de outrem, assim como a astúcia para conversar sobre estes *métiers* com personagens muito distantes da sua faixa etária e atmosfera cultural. Vê-lo assim, nestas operações minuciosas e ágeis de verificação do trabalho realizado pelo “operário” veio a constituir o motivo mais fascinante da minha visita, tendo-se sobreposto à solicitação do texto sobre Cinema. A “porta” foi o texto e também o “ecrã” que não esperava poder ver de tão perto!

2. Encontro no Jardim da Estrela para preparação de novo projecto do Chiado.

Desta vez, percorreu sobre vários temas, entre a produção artística internacional e a produção dos autores portugueses, tendo apreciado a participação nos projectos do Chiado de artistas como Pedro Cabrita Reis (em 2012) e Rui Chafes (em 2013), revelando uma noção muito consistente dos percursos destes dois artistas contemporâneos, manifestando-se com conhecimento e

deleite sobre ambos, manifestando as suas preferências por um deles, mas sobretudo, tornando evidente que conhece e entende noções artísticas pretéritas, de muitos tempos intermédios, mas também daquilo que é emergente e mais difícil de acomodar a categorias estéticas testadas e conquistadas.

3. A sua participação, ao lado de Eduardo Lourenço, no Grémio Literário, em 2013, reunidos para conferenciar sobre o “francesismo”.

Aqui, embora com mais formalidade, a mesma intensidade na partilha e proficiência nos saberes articulados, demonstrando na sua conferência que a extensão do texto que nos autorizou reeditar “Art Français, Art Portugais. Un dialogue de neuf siècles”, estava muito presente no seu espírito dialógico, podendo discuti-lo de diversas formas, consoante as interpelações que pudesse receber, assim como reperspectivar o sentido do “francesismo” em pleno século XXI. Ao ter assim procedido, em alternância com Eduardo Lourenço, na mesma sala, com o mesmo propósito de enriquecimento do debate, foi para nós motivo de irrepetível contentamento e estímulo.

4. A preciosa indicação sobre um projecto utópico para uma ponte entre S. Pedro de Alcântara e a Graça.

Neste caso específico, cuja participação do Mestre, com conferência no Museu Arqueológico do Carmo, voltou a deixar marcas significativas na nossa memória do autor, José-Augusto França foi

determinante para o próprio tema anual, em 2016, que relacionava o Chiado com a “Utopia” cultural, artística, tecnológica, outras. Neste contexto, ter obtido o conhecimento de um engenheiro militar que havia concebido diversos projectos para a cidade e travessia do rio Tejo, no último quartel do século XIX, foi decisivo para a montagem de toda a programação para o Chiado desse ano, assim como para a minha própria conferência, na qual sustentei alguns pontos de vista apoiado em referências de José-Augusto França como aqui se constata:

“Mas, em 88, as ideias dos túneis e do viaduto de Miguel Pais eram retomadas, e para este houve concurso aberto pela Câmara e ganho por uma empresa de capitalistas franceses que projectou uma ponte de 25 metros de largura, ladeada de lojas de luxo, «abobadadas de cristal», entre S. Pedro de Alcântara, Sant’Ana e a Graça - «pequena cidade aérea que só encontraria companheiras nos Estados Unidos, ainda que menos belas e espectaculares».”¹

Terminaremos com mais um reconhecimento da importância de José-Augusto França para o desenrolar dos projectos sucessivos do Chiado, afirmando que o nosso Mestre esteve sempre disponível para nele participar, sempre aderente às novas temáticas que com que eu o fui construindo, aceitando conferenciar, fazendo com que por vezes tivesse adaptado os tempos do programa aos tempos do seu regresso anual a Portugal (é consabido que em determinado

período do ano vivia em França). Sobretudo, temos muita alegria em saber que sentia o nosso projecto como seu (“nesta arqueologia cultural a que a nossa iniciativa anual vai podendo assegurar nova vida de Chiado”), como revela no final da citação que a seguir transcrevemos sobre o Cinema e o Chiado:

“E vemos aí Max Linder partir da Estação do Rossio, subir a Rua do Carmo e a Garrett até à altura da Rua Anchieta, passear pelo Largo do Chiado, e a chegar ao teatro em que nessa noite se exibia em carne e osso. [...] Pela primeira e única vez uma vedeta internacional era filmada em ruas de Lisboa quase em tempo real, e a publicidade foi apreciada, no seu ineditismo. O filme dura mesmo assim 35 minutos e é produção da Pathé de Paris. Infelizmente desapareceu - e a presença física do Chiado no cinema ficou apenas como uma ficha de inventário.

Mais inocentemente, Chiado abaixo, passeavam amorosamente a Tatão e Chico d’ *O Pai Tirano* de António Lopes Ribeiro, em 1941, em cinema assim-assim...

...Dos oito cinemas locais resta também e tão somente a recordação em gente de antes dos anos de 1970 de prática lisboeta - nesta arqueologia cultural a que a nossa iniciativa anual vai podendo assegurar nova vida de Chiado.”²

José Quaresma

Docente da Faculdade de Belas Artes
da Universidade de Lisboa
Membro do Centro de Filosofia da FLUL

¹ FRANÇA José-Augusto, *A Arte em Portugal no Século XIX*, vol. 2, Lisboa, Bertrand, 1990.

² FRANÇA José-Augusto, “O Chiado e o(s) Cinema(s)”, in *Entre o Chado, O Carmo e Paris*, Lisboa, FBAUL, 2020, p. 72.